



**GEDES**

Grupo de Estudos de Defesa e  
Segurança Internacional

**OBSERVATÓRIO SUL-AMERICANO DE  
DEFESA E FORÇAS ARMADAS**

**INFORME BRASIL Nº 41/2020**

Período: 07/11/2020 - 13/11/2020

**GEDES – UNESP**

- 1- Aviões da Força Aérea transportaram equipamentos para o Amapá
- 2- Ex-presidenta afirmou participação de militares em seu processo de impeachment
- 3- Periódico comentou sobre a publicação de biografia do ex-presidente Figueiredo
- 4- Mourão foi cogitado para candidatura em 2022
- 5- Conselho Nacional da Amazônia Legal incluiu a China como potência interessada em recursos naturais estratégicos e previu marco regulatório para atuação de ONGs na região
- 6- Periódico analisou os gastos do Brasil com a defesa
- 7- Discurso do presidente Jair Bolsonaro foi criticado por integrantes das Forças Armadas
- 8- Ministério da Defesa obriga a vacinação de militares
- 9- Membros do governo temem que o Brasil perca o status de aliado preferencial extra-OTAN com a vitória dos Democratas nos EUA
- 10- Colunista comenta a constante demissão de militares por Bolsonaro
- 11- Militar foi indicado para a diretoria da Agência Nacional de Vigilância Sanitária
- 12- Comandante do Exército afirmou que militares não querem política nos quartéis
- 13- Segundo comandante do Exército, o Brasil está “aquém do que precisa” na área da defesa

**1- Aviões da Força Aérea transportaram equipamentos para o Amapá**

De acordo com o periódico *Correio Braziliense*, o Ministério da Defesa informou que aviões da Força Aérea Brasileira (FAB) auxiliaram na operação emergencial para restabelecer a energia elétrica no estado do Amapá, depois que uma explosão seguida de incêndio na subestação da capital, Macapá, danificou três transformadores, deixando cerca de 85% do território sem luz desde 03/11/2020. Segundo o jornal *O Estado de S. Paulo*, os aviões transportaram 51 toneladas de equipamentos, como máquinas de purificação de óleo e geradores, para Macapá. (*Correio Braziliense* - Brasil - 07/11/20; *O Estado de S. Paulo* - Metrópole - 07/11/20)

## 2- Ex-presidenta afirmou participação de militares em seu processo de impeachment

Segundo o periódico *Folha de S. Paulo*, a ex-presidenta da República Dilma Rousseff afirmou em nota que os relatos contidos no novo livro do ex-presidente Michel Temer mostram que "ocorreu a participação de comandantes militares nos acontecimentos que resultaram em seu impeachment". No livro, intitulado "A Escolha - Como um Presidente Conseguiu Superar Grave Crise e Apresentar uma Agenda para o Brasil", Temer afirmou ter se reunido com os então comandante do Exército, Eduardo Villas Bôas, e o chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, Sérgio Etchegoyen, um ano antes da abertura do processo de impeachment, e que os dois relataram grande descontentamento dos militares com a atuação do Partido dos Trabalhadores (PT) frente à Lei de Anistia, à Comissão Nacional da Verdade e à terceira versão do Programa Nacional de Direitos Humanos. (Folha de S. Paulo - Poder - 07/11/20)

## 3- Periódico comentou sobre a publicação de biografia do ex-presidente Figueiredo

De acordo com o periódico *O Estado de S. Paulo*, o livro "Me Esqueçam: Figueiredo – A Biografia de uma Presidência", escrito por Bernardo Braga Pasqualetto e lançado em 2020 trouxe argumentos de que durante o período final do regime civil-militar, a cúpula militar teria proposto ao então presidente da República, general João Baptista Figueiredo, a suspensão da transição democrática. Contudo, em 15 de setembro de 1984, Figueiredo teria se oposto veementemente à proposta. Segundo *O Estado*, o livro recém lançado trás pontos de vistas sobre o papel do general até então ausentes na historiografia e destaca que ao fim do seu governo, Figueiredo optou por deixar o Planalto sem uma cerimônia e endereçou uma mensagem aos brasileiros pedindo para que o esquecessem. Ademais, o livro pontua a omissão de Figueiredo em relação ao atentado do Riocentro, a ordem de demolir a antiga sede da União Nacional dos Estudantes, localizada no Rio de Janeiro, e ter ameaçado atacar manifestantes que o criticavam na "novembrada" em Florianópolis. Contudo, relembra que após as vitórias da oposição na eleição de 1982, Figueiredo buscou a reconciliação, ao convidar ao Palácio do Planalto o ex-presidente Jânio Quadro e as ex-primeiras-damas Sarah Kubitschek e Maria Thereza Goulart. (O Estado de S. Paulo – Política – 08/11/20)

## 4- Mourão foi cogitado para candidatura em 2022

De acordo com o periódico *Correio Braziliense*, após a notícia de que o ex-ministro da Justiça e Segurança Pública, Sérgio Moro, e o apresentador e empresário Luciano Huck têm planos para as eleições presidenciais de 2022, o general Hamilton Mourão, vice-presidente da República, foi cogitado por Moro como um eventual integrante da chapa presidencial autodenominada de centro. Mourão já havia declarado pretensão de seguir no próximo pleito, se não como vice de Bolsonaro, como Senador, embora saiba que o atual presidente poderá deixá-lo "de lado". O *Correio* conversou com dois aliados do general; um deles informou que concorrer à presidência fora da chapa de Bolsonaro, como cabeça ou vice, seria considerada traição pelo militar, enquanto a outra fonte informou

que Mourão “prefere trair do que ser traído”. Segundo o *Correio*, Mourão “optou por não se manifestar sobre o caso e focar na gestão que está em andamento”. (Correio de Braziliense - Política - 10/11/20)

5- Conselho Nacional da Amazônia Legal incluiu a China como potência interessada em recursos naturais estratégicos e previu marco regulatório para atuação de ONGs na região

Conforme noticiou *O Estado de S. Paulo*, o Conselho Nacional da Amazônia Legal (CNAL), chefiado pelo vice-presidente da República, Hamilton Mourão, elaborou um documento, ao qual o jornal teve acesso, que incluía a China na lista de potências que possuem interesse na região e em seus recursos naturais estratégicos, sobretudo, a água. Além da China, o documento pontuou que a região já “está na mira” de países como Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos. Conforme o CNAL identificou, a China seria a nova integrante do “seleto grupo de grandes potências econômicas hegemônicas do mundo”, a realidade global é alterada e as regiões ricas em recursos naturais estratégicos “passam a ser o alvo das políticas externas do Governo chinês”. O fato é agravado pela crescente crise global da água, que poderá implicar em grave escassez para diversos países dentro de 20 ou 25 anos. Além disso, o documento relatou haver apoio de “entidades ambientalistas” a governos da Europa e “interesses menos republicanos entre nacionais” e questionou: “Será que vale a pena a troca de provocações nas relações internacionais?” e “Qual seria a melhor estratégia para o Brasil?”, respondendo em seguida: “Assegurar sua soberania pela Coordenação e Integração de Políticas Públicas, por intermédio do CNAL”. O *Estado* já havia noticiado a circulação de um ofício que indicava planos do Conselho, dentre os quais, a criação de um “marco regulatório” para controlar Organizações Não-Governamentais (ONGs) atuantes na Amazônia, sob alegação de “impedir a atuação, na floresta, de ONGS que não atendam aos “interesses nacionais””. Embora tenha assinado uma convocatória aos servidores de outras pastas a fim de discutir o assunto, quando questionado, Mourão alegou desconhecer a proposta de marco regulatório. O jornal informou ainda que não ficou especificado o que seriam os “interesses nacionais” a serem seguidos pelas ONGs atuantes na região amazônica. (O Estado de S. Paulo - Metrópole - 10/11/20)

6- Periódico analisou os gastos do Brasil com a defesa

De acordo com o periódico *Folha de S. Paulo*, o Brasil investe em “pólvora” um quarto do que gasta com inativos e pensões militares. A afirmação contextualizou o discurso do presidente da República Jair Bolsonaro, que declarou em tom bélico que “quando acaba a saliva, tem que ter pólvora”, em resposta ao recém-eleito presidente dos Estados Unidos, Joe Biden. Segundo dados da Instituição Fiscal Independente (IFI), órgão ligado ao Senado, foram investidos R\$ 12,8 bilhões em defesa no ano passado, de um orçamento total de R\$ 116 bilhões da pasta. Aproximadamente R\$ 50 bilhões foram utilizados no pagamento de militares inativos e pensionistas e outros R\$ 28,6 bilhões nos salários dos integrantes das Forças Armadas em atividade. O Brasil ocupa a 77ª colocação no relatório sobre os gastos militares no mundo divulgado anualmente pelo Instituto Internacional de Pesquisa da Paz de Estocolmo (Sipri), e em 2019

destinou 1,48% do Produto Interno Bruto para a defesa. De acordo com o professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB), Juliano Cortinhas, “o Brasil está muito mal posicionado. Nosso orçamento está completamente desequilibrado. Deveríamos ter uma redução significativa no número de tropas e, a partir disso, um aumento na compra de novas tecnologias”. Segundo a *Folha*, o discurso de Jair Bolsonaro “está desconectado do arranjo atual das Forças Armadas do país”. (Folha de S. Paulo - Mundo - 12/11/20)

#### 7- Discurso do presidente Jair Bolsonaro foi criticado por integrantes das Forças Armadas

De acordo com os periódicos *Correio Braziliense* e *O Estado de S. Paulo*, integrantes das Forças Armadas criticaram o discurso do presidente da República, Jair Bolsonaro, em evento no Palácio do Planalto no dia 10/11/2020, no qual afirmou que “quando acaba a saliva, tem que ter pólvora”, em resposta ao recém-eleito presidente dos Estados Unidos, Joe Biden. Em entrevista ao *Correio*, um general afirmou que a fala de Bolsonaro gerou perplexidade, indo na contramão da diplomacia, marca da atuação internacional dos governos anteriores. Ainda de acordo com o general, a expectativa é que a fala de Bolsonaro não passe disso, uma vez que pode conduzir o Brasil a “um campo perigoso”. Por sua vez, quando questionado por jornalistas se o discurso de Bolsonaro poderia trazer implicações negativas para as relações entre o Brasil e os Estados Unidos, o vice-presidente da República, general Hamilton Mourão, disse que a fala do presidente não passou de um “aforismo antigo”, que ela “não causa nada. Isso aí tudo é figura de retórica”. Contudo, segundo *O Estado*, o pronunciamento inflamado de Bolsonaro causou espanto no Congresso e no Supremo Tribunal Federal (STF), além da exposição ao “ridículo” das Forças Armadas nas redes sociais, com vídeos comparativos e pejorativos dos soldados brasileiros em relação aos estadunidenses. (*Correio Braziliense* - Política - 12/11/20; *O Estado de S. Paulo* - Política - 12/11/20)

#### 8- Ministério da Defesa obriga a vacinação de militares

De acordo com o periódico *Folha de S. Paulo*, o Ministério da Defesa, por meio de nota no Diário Oficial da União no dia 11/11/2020, instituiu a obrigatoriedade da vacinação de militares na ativa segundo o calendário de vacinação militar. Conforme o periódico, a decisão do Ministério da Defesa ocorreu no momento em que setores do governo federal, do Congresso e do Judiciário discutem se a vacina contra o novo coronavírus deve ser obrigatória ou não, uma vez que o presidente Jair Bolsonaro defendeu em mais de uma ocasião que esta deve ser facultativa. Ainda de acordo com a *Folha*, “a imunização é estipulada como pré-requisito para matrícula em cursos do Sistema de Ensino das Forças Armadas e aptidão para o Serviço Ativo”, e em 2014 já havia sido emitido um texto pelo Ministério da Defesa prevendo a obrigatoriedade da imunização dos militares. Além disso, a nota recém-publicada apresentou a possibilidade de que as organizações militares tenham um “estoque estratégico” de vacinas para a imunização dos militares. (Folha de S. Paulo - Saúde - 12/11/20)

9- Membros do governo temem que o Brasil perca o status de aliado preferencial extra-OTAN com a vitória dos Democratas nos EUA

Conforme o periódico *Folha de S. Paulo*, alguns membros do governo brasileiro temem que o país sofra reveses no sistema internacional com a vitória de Joe Biden na eleição presidencial estadunidense, tal como o entrave à entrada do Brasil na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a perda da designação de aliado preferencial extra-Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Tal nomenclatura representa um Estado que está fora da OTAN, porém é um aliado estratégico dos Estados Unidos. Segundo a *Folha*, o status extra-OTAN daria condições ao Brasil de comprar equipamentos militares “com isenção dentro da Lei de Exportação de Armas”; entretanto, como ressaltou o periódico, a designação é concedida aos aliados políticos dos Estados Unidos, algo pelo qual o governo Bolsonaro não é visto pelo partido de Biden. Ainda de acordo com a *Folha*, ao ser indagado sobre o tema, o ministro da Defesa, Fernando Azevedo e Silva, afirmou não acreditar que o país possa perder o título de aliado preferencial extra-OTAN, uma vez que se tratam de acordos entre Estados. (Folha de S. Paulo - Mundo - 12/11/20)

10- Colunista comenta a constante demissão de militares por Bolsonaro

Em coluna ao periódico *Folha de S. Paulo*, o jornalista e escritor Ruy Castro abordou as constantes nomeações de militares para cargos de confiança do governo de Jair Bolsonaro, seguidos do processo de depreciação e demissão dos mesmos. Segundo levantamento da *Folha*, em um período de menos de dois anos, foram demitidos 16 generais, quatro brigadeiros e um almirante, sendo um oficial de alta patente demitido por mês. (Folha de S. Paulo - Colunas e blogs - 13/11/20)

11- Militar foi indicado para a diretoria da Agência Nacional de Vigilância Sanitária

De acordo com os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, o atual secretário-executivo adjunto do Ministério da Saúde, tenente-coronel Jorge Luiz Kormann, foi indicado para a diretoria da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). O militar assumirá o cargo caso seja aprovado por comissão e pelo plenário do Senado, após sabatina. A *Folha* destacou que Kormann não tem formação na área da saúde e que será o segundo militar a assumir um cargo de diretoria na Anvisa na atual gestão. O primeiro foi o contra-almirante da Marinha, Antônio Barra Torres, o qual comanda a agência. Já o *Estado* ressaltou o endossamento, por parte do tenente-coronel, de críticas à Organização Mundial da Saúde, à vacina coronavac, seu apoio às publicações do filósofo Olavo de Carvalho e a defesa da hidroxicloroquina e outros medicamentos sem eficácia provocada no tratamento da covid-19. (Folha de S. Paulo - Cotidiano - 13/11/20; O Estado de S. Paulo - Metrópole - 13/11/20)

12- Comandante do Exército afirmou que militares não querem política nos quartéis

Segundo o periódico *Folha de S. Paulo*, o comandante do Exército brasileiro, Edson Leal Pujol, afirmou que “Não queremos fazer parte da política nem deixar

ela entrar nos quartéis”, se referindo aos militares, em *live* do Instituto para a Reforma das Relações entre Estado e Empresa (IREE). De acordo com o jornal, a fala representa um distanciamento entre a ala militar e o governo, após divergências entre o vice-presidente Hamilton Mourão e o presidente Jair Bolsonaro sobre questões ambientais. O jornal pontuou que Pujol não lançou críticas aos militares que integram do governo Bolsonaro, embora a declaração tenha sido dada em um momento de preocupação, pelo Alto Comando do Exército, da politização dos quartéis na esteira da militarização da política, que se acentuou no período de abril a junho deste ano, quando Bolsonaro radicalizou ainda mais seu discurso, ao mesmo tempo que ocorriam manifestações defendendo um golpe militar. Segundo a *Folha*, o temor do comando das Forças Armadas era uma contaminação do oficialato de baixa patente com o discurso bolsonarista. O jornal avaliou que os militares consideram que saíram dos holofotes, aparecendo na mídia apenas eventualmente por conta de conflitos com a ala ideológica do governo. Por fim, a *Folha* também destacou que o presidente Bolsonaro considerou substituir o general Pujol do comando do Exército por seu amigo e secretário de governo, general Luiz Eduardo Ramos, após insatisfação com sua conduta em relação à pandemia de coronavírus. (Folha de S. Paulo - Poder - 13/11/20)

### 13- Segundo comandante do Exército, o Brasil está “aquém do que precisa” na área da defesa

Conforme noticiado pelo jornal *Folha de S. Paulo*, o general Edson Leal Pujol, comandante do Exército Brasileiro, comentou em *live* do Instituto para a Reforma das Relações entre Estado e Empresa (IREE) que as Forças Armadas brasileiras estão entre as menores do mundo proporcionalmente ao tamanho do território que tem de defender. Para o general, “Estamos aquém do que o Brasil precisa” e “não podemos abrir mão da soberania sobre a Amazônia”. De acordo com o periódico, o efetivo de 380 mil soldados nos coloca na 15ª posição no ranking mundial de maiores efetivos, porém o armamento e a logística deixam o Brasil atrás de países menores. Proporcionalmente ao território e a população, o Brasil possui um soldado para cada 22 km<sup>2</sup> e 176 militares para cada 100 mil habitantes. Mesmo considerado insuficiente, o efetivo será reduzido em 10% até 2030, conforme ditado pela reforma da carreira militar de 2019. O general Pujol também se referiu à falta de capacidade de defesa antiaérea do Exército brasileiro, principalmente no que se refere a médias e altas altitudes. Segundo a *Folha*, apesar de não ter comentado sobre o assunto, as declarações do general dialogam e contradizem as falas de Jair Bolsonaro sobre “quando acabar a saliva, tem que ter a pólvora”, em referência às relações com os Estados Unidos no novo governo eleito de Joe Biden. Porém, segundo a *Folha*, a preocupação imediata dos militares brasileiros é a Venezuela e, no caso de uma possível invasão da Amazônia por uma potência estrangeira, os militares enxergam a França como o potencial rival, por seu discurso ambiental e a presença física na Guiana Francesa, como destacado em um documento da Escola Superior de Guerra traçando cenários para 2040. Por fim, o jornal ressaltou a incapacidade do Brasil de se defender de um ataque norte-americano, comparando os gastos militares dos países (os Estados Unidos gastam em duas semanas o que o Brasil gasta em um ano) e os equipamentos militares, com destaque para as 3.800

ogivas nucleares e 11 porta aviões americanos. (Folha de S. Paulo - Mundo - 13/11/20)

## **SITES DE REFERÊNCIA**

Correio Braziliense – [www.correioweb.com.br](http://www.correioweb.com.br)

Folha de S. Paulo – [www.folhaonline.com.br](http://www.folhaonline.com.br)

O Estado de S. Paulo – [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br)

\*Informamos que as colunas opinativas da Folha de S. Paulo e o conteúdo na íntegra do Correio Braziliense e O Estado de S. Paulo não são disponíveis gratuitamente na versão online. No entanto, aqueles que tiverem interesse em receber as notícias destes jornais utilizadas na produção do Informe Brasil, podem solicitá-las a [gedes@franca.unesp.br](mailto:gedes@franca.unesp.br)

## **Equipe:**

Davi Campos Matos (Redator, graduando em Relações Internacionais); Gislaine Amaral Silva (Redatora, graduanda em Relações Internacionais); Guilherme Evaristo Rodrigues Macieira (Redator, graduando em Relações Internacionais); Heed Mariano Silva Pereira (Supervisora, graduada em Relações Internacionais); Henrique Muniz Fernandes (Redator, graduando em Relações Internacionais); Jonas de Paula Vieira (Redator, graduando em Relações Internacionais); Juliana de Paula Bigatão (Supervisora, doutora em Relações Internacionais); Laura Meneghim Donadelli (Supervisora, doutoranda em Relações Internacionais, bolsista CAPES); Léa Briese Staschower (Redatora, graduanda em Relações Internacionais); Leonardo Pontes Vinó (Redator, graduando em Relações Internacionais); Lucas Rizzati Iquegami (Redator, graduando em Relações Internacionais).